

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
CIÊNCIAS NATURAIS - UFMA - BACABAL**



SUMÁRIO



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
CIÊNCIAS NATURAIS - UFMA - BACABAL

1. Apresentação da revista	3
2. UMA MATEMÁTICA FEMININA: Elementos para a reconstituição da carreira de Maria Laura Lopes	4
3. OFICINAS NO ESPAÇO MARIA LAURA LOPES: HQs e animações como recursos didáticos	8
4. AS CARREIRAS DE MULHERES DOCENTES NAS NOVAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES: trajetórias e condicionantes de carreiras acadêmicas de mulheres a partir do Centro de Ciências de Bacabal/MA	10
5. Professoras do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa)	26
6. Equipe do Pet	34

APRESENTAÇÃO



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
CIÊNCIAS NATURAIS - UFMA - BACABAL

REVISTA PET CIÊNCIAS NATURAIS

É com grande alegria que o Grupo Pet Ciências Naturais do Centro de Ciências de Bacabal – CCBa vem apresentar a Revista Pet Ciências Naturais, publicação trimestral de divulgação das pesquisas, atividades e ações desenvolvidas pelo coletivo. A Revista Pet constitui-se enquanto herdeira do Informativo Pet contando, no entanto, com novo design e estratégias de divulgação. Seu renascimento é oportuno em virtude de uma série de aspectos importantes. A começar pela própria renovação do coletivo em virtude da seleção e ingresso de novos petianos selecionados ao longo do mês de maio de 2023. A conclusão da primeira década de criação dos Cursos de Licenciatura Interdisciplinar, criados em 2010 em diversas cidades do interior do estado, a eleição da Diretora Profa. Dra. Lucélia de Sousa Almeida e a criação do Espaço Maria Laura, agrupando diversos projetos, constituem também elementos animadores para o projeto. Esta edição celebra especialmente o papel e a carreira das docentes que atuam no Centro de Ciências de Bacabal e que participam da luta contínua para consolidação da Universidade Federal do Maranhão.

Sejam bem-vindos, Novos Petianos. Parabéns aos Cursos de Ciências Naturais e Humanas e obrigado às professoras desta unidade. Nesta edição, você terá:

1. Síntese das Oficinas realizadas no Espaço Maria Laura;
2. Um extrato biográfico em homenagem a Profa. Maria Laura, intitulado: “UMA MATEMÁTICA FEMININA: Elementos para a reconstituição da carreira de Maria Laura Lopes”;
3. Um artigo analisando as carreiras de professoras no Campus de Bacabal;
4. Informações do currículo de professoras atuantes no campus;
5. O resultado da seleção do grupo Pet – Ciências Naturais.

Boa leitura!

UMA MATEMÁTICA FEMININA: Elementos para a reconstrução da carreira de Maria Laura Lopes



A ocasião de participação do Grupo Pet Ciências Naturais em Oficinas no Espaço Maria Laura Lopes, Centro de Ciências de Bacabal, constituiu detonador importante para o interesse de retomada das publicações periódicas da Revista Pet Bacabal, veículo de divulgação dos debates e reflexões promovidos desde o Programa de Educação Tutorial. A escolha por explorar a história de mulheres que contribuíram para a ciência não é menos fortuita, seja pelo lugar que o tema tem ocupado no âmbito dos debates acadêmicos, seja pelos próprios efeitos progressivos resultantes dos investimentos de

mulheres que produzem ciência ontem e hoje. Uma rápida pesquisa na internet pelo nome de Maria Laura Lopes permitirá, ao leitor interessado, encontrar inúmeros trabalhos que ressaltam a sua importância para a constituição de um campo de estudos e de prática profissional no Ensino da Matemática.

Não é o caso de fazermos aqui um balanço sistemático desses estudos, muito embora pareça justificável que tenhamos trabalhos monográficos a respeito a partir das experiências locais. É incrível o quanto pesquisas assim levantam questões importantes sobre o próprio

funcionamento do campo científico, entendido como o lugar de debate de ideias, mas também como campo de atuação de sujeitos concretos, de carne e ossos, com suas diferenças de gênero, etnia, raça, idade e condições sociais, para falar apenas de algumas questões pertinentes ao debate sobre interseccionalidades.

Seja como for, gostaríamos apenas de levantar alguns aspectos já presentes nessa bibliografia, e que descrevem a carreira de Maria Laura Lopes. O leitor interessado poderá consultar nas referências mais elementos para aprofundar, ok?

De acordo com Maria Cecília Fernantez (2018), Maria Laura nasceu em janeiro de 1917, em Timbaúba, Pernambuco. Maria Laura era a mais velha de oito filhos. A mãe, Laura Moura Mouzinho, era professora primária, atualmente a primeira série do ensino fundamental, e o pai, Oscar Mousinho, era um respeitado comerciante local e autodidata na cultura fina.

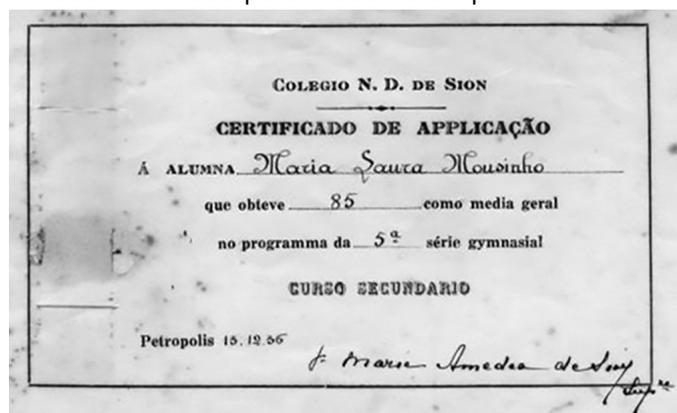
TRAJETO ESCOLAR



Boletim escolar (1928)

Como mostra Pedro Carlos Pereira (2010), Maria Laura Mouzinho (seu nome de solteira) a mesma começou sua vida escolar com 3 anos de idade, em Recife. Em 1927 deu início ao seu percurso escolar no antigo ensino fundamental. Depois de se formar em 1931, obteve uma fundação no Grupo Escolar João Barbalho em Recife. Em 1932 ingressou na Escola Normal de Pernambuco, onde permaneceu até 1934. Nessa época foi aluna do professor Luís de Barros Freire, que é considerado um dos principais responsáveis por sua profissão de matemática. Aos 18 anos, em 1935, sua família mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro. Em fevereiro do mesmo ano, ingressou no Instituto Lafayette. Lá se preparou para o vestibular do Colégio Pedro II da rua Marechal Floriano, e buscava cursar o quarto ano do Curso Ginásial.

Ainda de acordo com Pereira (2010, p.33), “em 1936, ela se formou no ensino médio como aluna do Colégio Sion. Petrópolis, cidade serrana do estado do Rio de Janeiro para onde a família se mudou motivado pelo trabalho do pai.”



Boletim escolar (1936)

A vida acadêmica de Maria Laura Mouzinho Leite Lopes foi extremamente agitada, segundo Pereira (2010, p. 35):

Em 1937 prestou vestibular para o professor Luiz Caetano de Oliveira e se preparou para o vestibular da universidade de Engenharia. Nesse exame ela não teve o desempenho

esperado, tendo sido aprovada em Física e Matemática, sua média em Desenho foi insuficiente. Com isso, seu nome não constava entre os aprovados para engenharia.

Em 1937, prestou vestibular para a Faculdade de Engenharia. Nas palavras de Fernandez (2010), foi em 1938, após realizar um teste de Concurso, que recebeu decepcionante resultado, em virtude de não ter sido aprovada. A reprovação no vestibular de engenharia era muito ruim para a área, no entanto, o destino deu algo lindo, onde em 1939 teve uma surpresa que fez muita diferença em sua vida, onde começou uma nova jornada em matemática no Brasil.

Maria Laura formou-se em Matemática em 1941 e licenciou-se em 1942. Ambos os cursos

foram realizados na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi). A FNFi foi fundada em 4 de abril de 1939 pelo então presidente Getúlio Vargas, por meio do Decreto nº 1.190, extinguido pelo governo militar em 1968. Foi fundida com outras faculdades como a Universidade do Brasil (anteriormente chamada de Universidade do Rio de Janeiro) e posteriormente renomeada como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Da antiga Faculdade Nacional de Filosofia nasceram os 10 institutos da UFRJ: Faculdade de Comunicação, Faculdade de Educação, Faculdade de Letras, Instituto de Biologia, Instituto de Física, Instituto de Ciências da Terra, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Pesquisa em Matemática Departamento de Psicologia e Química.



Maria Laura (de chapéu), em 1937, com os amigos do Curso Pré-Vestibular

Como mostra Andrade e Oliveira (2020, p. 3) Maria Laura fez jus ao título de primeira mulher doutora brasileira em matemática. Ela também foi a primeira pesquisadora da Academia Brasileira de Ciências, dedicada ao estudo da educação matemática em nosso país de forma histórica e mais científica.

Além disso, a cientista também consagrou-se como uma figura chave na fundação de várias instituições científicas e tecnológicas brasileiras. Em se tratando da educação matemática no Brasil, foi ainda imprescindível na articulação de grupos como o Grupo de Pesquisa em Educação Matemática (GPEM) e projetos como o Projeto Binômio Professor-Aluno no Início da Educação Matemática. Projeto Fundação. Recebeu o título de Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) por suas contribuições significativas à pesquisa e ao ensino de matemática (IVANISSEVIC, 2009).

Visto em perspectiva, não parece haver dúvidas de que o percurso de Maria Laura Lopes foi de grande relevância para o campo de estudos da educação matemática. Obviamente, porém, a observação retrospectiva por vezes não ajuda a compreender a natureza complexa de desafios que se interpõem sobre o êxito e reconhecimento acadêmico de mulheres no Brasil. Sua trajetória deve ser observada, portanto, como a resultante de múltiplos investimentos e como uma forma de superação constante em condições, digamos, muito mais desafiantes para a afirmação feminina no campo científico do que as atuais. Tudo isto que justifica ainda mais o conhecimento sobre suas obras e a celebração do seu legado, notadamente para conhecimento das mulheres que hoje ocupam com bastante destaque a universidade. Desse ângulo, a escolha do nome da professora, mulher e mãe Maria Laura Lopes para nominar

o espaço recém-criado no Centro de Ciências Humanas parece amplamente justificada.

Maria Laura Lopes faleceu no dia 20 de junho de 2013, mas o seu legado continua através daqueles e daquelas que honram sua contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDEZ, Cecília de Souza. **A Vida de Maria Laura Mouzinho Leite Lopes**. Universidade Federal Fluminense, 2018. Disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/>. Acesso em: 22 abril. 2023.

PEREIRA, Pedro Carlos. **A Educadora Maria Laura**: contribuições para a constituição da Educação Matemática no Brasil. Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp144925.pdf>. Acesso em: 22 abril .2023

ANDRADE, Maria Helena; OLIVEIRA, Rannyelly Rodrigues. **Maria Laura Mouzinho Leite Lopes**: uma matemática feminina brasileira na História da Matemática. 170 SNHCT ANAIS ELETRÔNICOS, 2020. Disponível em: https://www.17snhct.sbhc.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1596153198_ARQUIVO_83f-78c577b4ebf49a6d6ded209740b8e.pdf. Acesso em: 22 abril. 2023

OFICINAS NO ESPAÇO MARIA LAURA LOPES: HQs e animações como recursos didáticos

Entre os dias 13 e 20 de abril, o grupo de Programa de Educação Tutorial – Ciências Naturais do campus de Bacabal participou de Oficinas ministradas pela Professora Carolina Pereira Aranha, curso de Educação do Campo, realizadas no espaço Maria Laura Moura Mouzinho Leite Lopes, inaugurado recentemente no Centro de Ciências de Bacabal (CCBa).

O espaço ganhou esse nome em homenagem a Maria Laura Lopes, mulher, nordestina, nascida em 1917, que, em um contexto histórico no qual o espaço acadêmico era majoritariamente masculino, forma-se como a primeira brasileira doutora em matemática. Atualmente, o espaço conta com diferentes projetos em execução, fornecendo oficinas, treinamentos e recebendo estudantes de diversas escolas da região do Médio Mearim Maranhense.

Parte fundamental da experiência de ser petiano, a participação e organização de oficinas constitui elemento fundamental para aprofundar o conhecimento dos estudantes das graduações de Ciências Naturais e Humanas, incrementando o domínio de ferramentas para uso em contexto escolar e nas atividades do próprio Programa Pet.

AS OFICINAS FORAM AS SEGUINTE:

1 A Produção de Histórias em Quadrinhos em sala de aula

Os primeiros quadrinhos são criados com a expansão da imprensa e de cunho um tanto quanto político. Ao chegar no Brasil, as HQ's (histórias em quadrinhos) sofrem uma modulação e controle com relação ao conteúdo, ainda nessa

linha de propagação de um pensamento específico. É só após muita resistência que as HQ's ganham uma nova roupagem, e a possibilidade de atuação em novas áreas, como o lazer e a educação.

Além dos aspectos históricos mencionados, ao longo da oficina os petianos produziram quadrinhos voltados para a sala de aula, abordando conteúdos pertinentes a suas áreas de atuação, com o auxílio de aplicativos de internet Pixton (<https://www.pixton.com/>) e Canva (<https://www.canva.com/>).

Embora o uso não tenha sido na modalidade paga (premium e/ou com aquisição de assinatura) os vários recursos disponíveis permitiram excelente alcance de resultados. As plataformas são intuitivas e de fácil manejo, basta um pouco de paciência!



2 A produção de Animação em sala de aula

A segunda oficina esteve voltada para a produção de animações em sala de aula. Abordando as fases históricas dos animes e desenhos animados, fomos sendo introduzidos no universo das animações, com bastante destaque para as caricaturas animadas. Neste caso, os desenhos se caracterizam por serem focados em comedia, fazer rir, criados com conceitos humorísticos, mesmo que possam, noutros momentos, abordar assuntos sérios. Já os animes possuem uma diversidade de gêneros, possuem

diferentes focos em termos de história: existem animes que são extremamente dramáticos, outros filosóficos, religiosos. Alguns estão muito centrados sobre metodologia e, de maneira mais ou menos explícita, sempre carregam consigo certas lições e questões morais de fundo.

Em um segundo momento os Petianos fizeram produções usando os respectivos aplicativos **Stop Motion** e **FlipaClip**. As oficinas nos mostram que é possível trabalhar o ensino de formas variadas e divertidas, inovando e tornando mais dinâmico o processo de ensino e aprendizagem.



AS CARREIRAS DE MULHERES DOCENTES NAS NOVAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES:

trajetórias e condicionantes de carreiras acadêmicas de mulheres a partir do Centro de Ciências de Bacabal/MA¹

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris²

Esp. Raissa Araújo Lima³

Tháís Matos Fernandes⁴

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as carreiras e condições de trabalho de mulheres docentes atuantes nas novas Licenciaturas Interdisciplinares (LI's) da Universidade Federal do Maranhão, avaliando suas representações sobre suas opções de carreira, o próprio ofício e as condições de trabalho. Parte de um projeto bem mais amplo dedicado as trajetórias e carreiras de professoras das Ciências Humanas no Maranhão (NERIS 2016), o ponto de partida desta pesquisa se vincula a diferentes pesquisas que têm explorado os efeitos das desigualdades de gênero sobre as condições de trabalho, produção de conhecimentos e progressão na carreira universitária de mulheres (ALMEIDA; ERNICA, 2015; CANEDO, 2004; LETA, 2003; MOSCKOVITCH; ALMEIDA, 2015; SOARES, 2001; VELHO; LÉON, 1998). Soma-se a este conjunto uma série de trabalhos monográficos recentes que têm artesanalmente colocado sob foco a vida estudantil e acadêmicas em condições locais (FERNANDES, 2021; FERREIRA E SILVA, 2017; LIMA, 2018), bem como se defrontado com todos os desafios epistemológicos implicados no esforço “tomar como objeto um mundo social no qual se está preso” (BOURDIEU, 2013).

O interesse pelo estudo dessas trajetórias em contextos acadêmicos periféricos como o maranhense e, notadamente, no interior do estado, é animado por uma série de acontecimentos recentes, associados a própria história do universo institucional em pauta. Sim, por que recentemente os designados cursos interdisciplinares completaram 10 (dez) anos de existência, já possuindo diversos egressos com mestrado e doutorado, além daqueles já plenamente engajados em diversas escolas da Educação Básica e superior no Estado. Além disso, a eleição da Profa. Lucélia de Sousa Almeida para a direção da recém-criada unidade do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa) constitui outra potente inspiração, a qual deve-se acrescentar a criação do Espaço Maria Laura Lopes, dedicado à trajetória de uma importante docente do campo da educação matemática, cujo percurso foi descrito de maneira sintética nesta revista. Parecem-nos motivos mais do que suficientes para uma justa homenagem às mulheres docentes desse campus, cujos currículos resumidos podem ser encontrados nesta revista.

¹A presente pesquisa retoma os resultados do projeto de pesquisa “AS MULHERES NA CIÊNCIA, A CIÊNCIA DAS MULHERES: trajetórias e condicionantes de carreiras acadêmicas de mulheres no Maranhão” (NERIS, 2016), que contou com o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA), a qual somos gratos.

² Doutor em Sociologia. Professor permanente dos Mestrados em Letras (PPGLB/UFMA) e Sociologia (PPGS/UFMA) da Universidade Federal do Maranhão e docente adjunto do Curso de Ciências Humanas – Sociologia (CHBA/CCEL). E-mail: wheriston.neris@ufma.br.

³ Graduada em Ciências Humanas – Sociologia e Especialista em Ciências e Metodologia do Ensino Superior.

⁴ Graduada em Ciências Humanas – Sociologia e Especialista em Ciências e Metodologia do Ensino Superior.

Ora, não menos importante para caracterização desse processo de efetiva interiorização da universidade no Estado do Maranhão é a própria compreensão das carreiras dos docentes e seus efeitos em termos de institucionalização de áreas e disciplinas de formação. Espera-se, em breve, divulgar mais estudos a respeito, dando sequência à importante colaboração do Grupo Pet Ciências Naturais para a preservação da memória científica dessa geração de novos professores e professoras que tem desenvolvido números robustos de produção bibliográfica, aprovado diversos projetos de pesquisa, extensão e/ou institucionais, e promovido uma modificação lenta mas consistente no processo de formação de professores em um dos estados brasileiros mais deficitários nesse quesito. Digno de nota, ainda, é a criação de diversos cursos de Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu, dando um passo a mais na consolidação de unidades acadêmicas constituídas em condições institucionais e sociais tão desafiantes quanto as que se encontra aqui em pauta.

Ante o exposto, valeria à pena tecer algumas considerações sobre as razões da escolha temática e das potencialidades ofertadas pela delimitação do recorte empírico. A começar pelas vantagens do estudo das especificidades do mercado de trabalho em pauta e das novas exigências do posto no estado atual da evolução da organização e funcionamento do espaço acadêmico no Brasil (OLIVEIRA; CATANI, 2012). É que embora a categoria “professor universitário” aparente relativa homogeneidade, na prática ela se mostra bastante diversificada, quer em relação às instituições nas quais os agentes realizam suas atividades (universidades, faculdades, centros, IES privadas), quer em decorrência das condições em que são exercidas (CORADINI, 2018).

Nesse sentido, é importante esclarecer que a presente pesquisa se concentra sobre espaços de atuação abertos recentemente através da criação de novos cursos no bojo da adesão da Universidade Federal do Maranhão ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação das Universidades Federais – REUNI o qual previa “a expansão de vagas na graduação, ampliação do número de professores e funcionários técnico-administrativos e fomento à interiorização com a abertura de novos campi no interior do estado” (SOUSA; COIMBRA, 2015, p. 142). A consequência mais imediata desse processo de interiorização foi a criação de 09 (nove) campi no interior do estado, com 16 novos cursos - 06 deles de Licenciatura Interdisciplinar localizados nas cidades de Bacabal, Codó, Grajaú, Imperatriz, Pinheiro, São Bernardo (SOUSA; COIMBRA, 2015) –, o incremento da expansão quantitativa do número de matrículas na instituição e a consequente abertura de postos de trabalho para docentes nessas mesmas unidades.

Quer dizer, ao selecionarmos um segmento do espaço universitário regional – o que exerce à docência nos campi resultantes do processo recente de interiorização – pretende-se avaliar a hipótese de que essas posições no universo científico dramatizem de forma bastante acentuada a complexificação das exigências a que se submete esse posto na atualidade, delineando algumas das transformações mais sensíveis na identidade profissional dos docentes (NERIS, 2016). E são muitos os motivos para acreditar nisso. Por um lado, devido às próprias especificidades de uma posição institucional que pode ser considerada tão incerta quanto periférica no espaço acadêmico atual, haja vista tentar combinar a flexibilização curricular, a formulação de cursos inovadores e a ruptura com os modelos pedagógicos que não atenderiam às exigências no nosso tempo, com as exigências bem tradicionais de economia de recursos humanos para a formação de docentes em todas as áreas da Educação Básica (SOUSA; COIMBRA, 2015).

Se essas exigências se impõem a todos os docentes que partilham de um mesmo universo de trabalho e de um mesmo contexto como o que se encontra em pauta, o que importa sublinhar, por outro lado, é que ainda assim a maneira como esses processos são vivenciados e interpretados não deixa de estar ligados às histórias singulares, às diferenças de trajetória e de pertencimento social (de sexo, idade, grupo social, cultura, etc.). É nesse sentido que a escolha do estudo das percepções de mulheres docentes universitárias pode se mostrar bastante salutar. Em primeiro lugar, pela possibilidade de discutir concretamente os obstáculos reais e ideológicos para a ascensão na carreira e ocupação de postos hierarquizados por mulheres, os quais tendem sempre a ser justapostos e multidimensionais. Apesar da lenta modificação da tendência histórica de sub-representação das mulheres em posição de direção administrativa, é fato que ainda resta muito a conhecer sobre a evolução da situação das mulheres com atenção às particularidades, desafios e constrangimentos de suas inserções acadêmicas, organizacionais e até mesmo disciplinares (NERIS, 2016).

Por outro lado, como temos acompanhado em algumas pesquisas recentes realizadas em outros contextos, as condições de trabalho em pauta, as relações profissionais dentro desse universo e a relativa sensação de ausência de domínio sobre as condições gerais de exercício de sua própria atividade, não apenas servem de condicionantes para a atuação docente como também se imiscuem nas representações, expectativas e projetos de vida dos professores (ANDRIOLA; SULIANO, 2015; SILVA, 2014). Isto ocorre, sem dúvida, por que a identidade profissional do professor depende tanto de processos biográficos, de sua origem e socialização profissional, quanto de processos e dinâmicas relacionais e contextualizadas, o que permite conceber esse processo como resultante da articulação do biográfico com o estrutural, da história individual e das evoluções institucionais (DUBAR, 1994).

Nessas condições, apesar de haver relativa democratização do ensino superior com a chegada de diversas mulheres à condição de produtoras de saber e nas carreiras acadêmicas, valeria à pena discutir como a lógica da dominação masculina se combina, se justapõe ou entra em conflito com outros critérios de diferenciação e segmentação do ensino superior, tais como a origem social, capital escolar, capital cultural, etc. Tal quadro permite levantar então uma série de questões pertinentes, muito embora não tenhamos a ambição de respondê-las aqui: Quais as trajetórias acadêmicas dessas mulheres? Como se deu o ingresso e a distribuição de docentes mulheres nesses cursos? Quais os projetos e pesquisas que realizam? Como tem se dado a progressão das mulheres na carreira universitária? Como essas carreiras se articulam com as exigências sociais colocadas sobre as profissionais do sexo feminino? Quais as principais dificuldades vivenciadas pelas mesmas nessa instituição? Que representações tem de si e do ofício que exercem?

Tendo em vista o recorte da problemática, como apresentado acima, o foco do estudo recaiu precisamente sobre o contingente de mulheres exercendo a condição de docentes nas Licenciaturas Interdisciplinares (LI's) de Ciências Humanas nos Campi de expansão da Universidade Federal do Maranhão. Para tanto, metodologicamente a pesquisa baseou-se na aplicação de questionários estruturados e realização de entrevistas com docentes distribuídas por estabelecimentos com condições de trabalho similares e pertencentes a um mesmo quadro institucional (FERNANDES, 2021; LIMA, 2018).

1. Gênero e carreiras docentes: algumas pistas teóricas de investigações recentes

O objetivo deste tópico é apresentar algumas das bases teóricas e empíricas que estiveram no ponto de partida desta pesquisa. Porém, convém ressaltar desde já que se encontra fora de questão a tentativa de apresentar um balanço sistemático desse campo de estudos, o que se explica pelas próprias peculiaridades da área. Grosso modo, a despeito de que as formas desiguais de inserção de docentes de ambos os sexos na carreira sejam bem documentadas internacionalmente (MOSCHKOVICH E ALMEIDA, 2015), esse campo de estudos ainda é bastante recente, disperso e lacunar, o que dificulta a realização de comparações sistemáticas e balanços sintéticos (MARRY, 2015). Com relação ao caso brasileiro, além da temática ser incipiente no quadro de pesquisas nacional (LETA, 2003), reflexões mais sistemáticas sobre as desigualdades entre os sexos na carreira acadêmica, tendo em vista as particularidades das universidades públicas, são ainda mais raras (MOSCHKOVICH E ALMEIDA, 2015).

Em todo caso, a exploração desse material permite captar algumas tendências em comum que merecem ser destacadas. A começar pelo fato de que mesmo em carreiras aparentemente abertas ao gênero feminino, como profissões liberais ou mesmo a docência acadêmica, e/ou organizadas conforme princípios de igualdade no que tange às condições de trabalho e recrutamento, as mulheres ainda enfrentam maiores dificuldades para progressão hierárquica, o que ajuda a explicar a sua rarefação nas posições mais prestigiosas. Na literatura especializada, essa sub-representação das mulheres em posições de poder é concebida dentro do modelo de interpretação que chamamos de *segregação vertical*.

Por outro lado, outra constatação geral também se refere à tendência de divisão sexual das disciplinas e áreas de (re)conhecimento, o que conduz as mulheres a concentrarem-se em determinados segmentos ou áreas de saber - as áreas de letras e ciências humanas e sociais, particularmente - frequentemente menos visíveis e reconhecidos, com o que se dá as modalidades de *segregação horizontal*. Embora a maior parte dos trabalhos se concentre atualmente dentro desses dois modelos de abordagem, diria que a presente pesquisa se distingue pela tentativa de discutir esses processos a partir de uma abordagem compreensiva, atenta aos discursos dos docentes sobre suas próprias atividades e desafios.

Em balanço recente a respeito das relações entre gênero e carreiras acadêmicas, Catherine Marry (2015) demonstra os contornos mais salientes desse campo de investigação em expansão nos EUA e na Europa, que vale à pena mencionar aqui. Em termos internacionais, conforme a autora, começam a demarcar-se duas grandes tendências ou modelos explicativos para dar conta das desigualdades sexuais na carreira docente (MARRY, 2015).

O primeiro desses modelos encontra-se centrado prioritariamente sobre as especificidades da socialização das mulheres e seus efeitos sobre as formas de auto seleção e autoexclusão das mesmas. Neste plano, ainda, destacam-se duas subvertentes: na primeira delas, basicamente centrada sobre estudos biográficos, é aquisição de habitus primários, na família ou mesmo na escola, que conduz as mulheres a investir-se em atividades de ensino e tarefas administrativas pouco visíveis, ao invés

das disputas de poder características do espaço acadêmico. Nesse sentido, enquanto a socialização familiar e escolar dos homens os conduziria à interiorização de competências como o “controle de si”, o “gosto pelo poder” e a “competição”, as qualidades incorporadas pelas mulheres, tais como: submissão, docilidade, obediência, devotamento, atenção, etc., se aparecem ajustadas as fases primárias de escolarização, mostram-se fortemente contrárias aos constrangimentos profissionais do trabalho científico e sua exigência de disponibilidade temporal e física. Essas tendências seriam então reforçadas por constrangimentos domésticos. Assim, enquanto para eles a paternidade e a carreira se reforçam, para elas, o casamento, a maternidade e a carreira mostram-se incompatíveis. Esse conflito identitário seria mais evidente precisamente nas áreas de ciências naturais e técnicas, historicamente associadas a dimensões da masculinidade, e onde as raras mulheres que ingressam nas mesmas são consideradas como estrangeiras ou um tanto quanto virilizadas.

O segundo submodelo de autocensura feminino baseia-se nos cálculos e antecipações feitas pelas mulheres com relação aos constrangimentos que podem pesar sobre elas. Enquanto no modelo anterior as escolhas eram realizadas de maneira quase que inconsciente, neste, o menor engajamento das mulheres nesse domínio profissional decorre do desejo racional de evitar os custos psíquicos e físicos ligados ao investimento de si em um mundo dominado por homens e virilizado. Aqui é a própria clareza com relação aos custos de tempo e disponibilidade exigidos pela academia, e a sua dificuldade de combinação com a realização pessoal do papel de mulher, que conduz ao desinvestimento, afinal, nem todas as mulheres podem ou querem isso para si mesmas.

Como esclarece Catherine Marry (2015) o problema desse modelo é que ele pressupõe, mais do que demonstra, o peso das socializações primárias, sem explorar suficientemente as evoluções do próprio processo de socialização de homens e mulheres e os constrangimentos dos mundos profissionais em que se inserem as mulheres. O segundo modelo, ao contrário, ressalta o peso geral das culturas profissionais – sua gênese, institucionalização crise e conflitos internos – como fatores decisivos para compreender os bloqueios de carreira das mulheres. Trabalho iniciado principalmente por historiadores e filósofos, por meio dessas pesquisas foi possível compreender como a cultura masculina, celibatária e misógina foi sendo consagrada como modelo da ciência ocidental em diversos contextos nacionais. Quer dizer, embora a tendência nas últimas décadas tenha sido a de abertura de universidade e escolas para as mulheres, fato é que esse acesso das mulheres tem se concentrado justamente nas posições mais marginais do mundo acadêmico. Sua razão de ser encontra-se determinada, em grande medida, pelos constrangimentos históricos e institucionais que estiveram na gênese dessas instituições.

Estas observações são muito importantes para o presente texto, visto que levantam a importância da compreensão da cultura institucional em pauta, e das especificidades do mercado de trabalho analisado. Além disso, se nós escolhermos discutir a problemática do gênero ao abordar a questão do engajamento profissional de mulheres, é porque nos pareceu, ao longo das entrevistas e questionários aplicados, que as condições de realização na carreira e satisfação profissional dentro dessa fração do corpo docente não podem ser apreendidas independentemente daquilo que se passa fora do trabalho, na esfera privada, familiar e social.

No caso das mulheres, tudo ocorre como se o seu sucesso profissional estivesse mais fortemente ligado à competência e capacidade de gerir essas esferas, integrando o sentimento de controle sobre as intersecções nos domínios de vida como um condicionante de realização pessoal. Isto é, se toda atividade profissional se inscreve em um sistema mais amplo de regulação entre esferas da vida, tudo depende então de como o sujeito em questão tenta encontrar uma solução de equilíbrio, mesmo que precária e custosa subjetivamente, entre os condicionantes internos de sua situação profissional, e as exigências de forças externas.

2. Perfis e discursos de mulheres sobre sua carreira e atuação profissional

Entre o conjunto de docentes entrevistadas, optamos por explorar a fundo 10 perfis, comparativamente. Ao analisá-los, podemos observar que embora enfrentem algumas dificuldades e apesar dos percalços de trajetórias, sentem-se satisfeitas com a profissão que escolheram, mesmo que sintam cotidianamente os efeitos da desigualdade de gênero. Um dos aspectos mais positivos apontados para justificar a escolha pela profissão seria o fato de que a docência no Ensino Superior permitiria maior flexibilização dos horários, favorecendo a conciliação atividades da carreira com atividades pessoais.

A faixa etária das docentes entrevistadas varia entre 33 e 53 anos de idade. Oito delas já concluíram o doutorado e apenas duas encontram-se em processo de conclusão. Entre elas três são naturais do Maranhão e sete de outros estados, incluindo Belo Horizonte, Pará, São Paulo, Piauí, Rio de Janeiro e Paraná. Em relação as instituições que tiveram acesso durante a escolarização nós temos cinco docentes que estudaram integralmente em instituições públicas, enquanto as demais tiveram sua formação mesclada entre particular e pública, ou em apenas uma delas.

As informações sobre as origens sociais, apreendidas por meio da profissão e formação dos ascendentes são muito restritas para que seja possível qualquer generalização. Seja como for, entre as profissões indicadas pelas docentes, encontram-se diversas especialidades profissionais, tais como: engenheiro, pedagoga, encanador, corretor de imóveis, vigilante, farmacêutico, auxiliar de serviços gerais, dona de casa. Porém, a maior parte delas é filha de professores, com o que se pode compreender parte da inspiração para optar pela docência. Alguns deles tem mestrado, graduação, outros apenas especialização, mas também tinham aqueles que não conseguiram concluir o ensino médio ou até mesmo o fundamental. Seus avós paternos e maternos no máximo conseguiram alcançar um ensino técnico, ou o nível primário, sendo que alguns eram semianalfabetos, o que demonstra como a trajetórias dessas mulheres se escreve em um processo de mobilidade geracional mais amplo.

Quadro I – Algumas propriedades sociais das docentes

ENTREVISTADAS	IDADE	NATURALIDADE	NÍVEL DE FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	PROFISSÃO: PAI E MÃE	GRAU DE ESC: PAI E MÃE	GRAU DE ESC: AVÓS PATERNOS E MATERNOS
1	34	São Luís/Maranhão	Doutorado em andamento	Todas Públicas	Pai: Engenheiro Mãe: Pedagoga e Filósofa	Pai: Mestrado Mãe: Especialização	Paterno: Avô: 3º Completo e Capitão da Marinha e Guerra. Avó: 2º Completo Materno: Avô e Avó: 2º completo
2	36	Maranhense	Mestrado	Particular (Ens. Fundamental) Particular (Ens. Médio) Pública (Superior)	Ambos Professores	Superior Completo	Paternos: Médio e Fund. Maternos: Médio e Fund.
3	47	Bacabal/MA	Doutorado	Particular (Ens. Fundamental) Pública (Ens. Médio) Pública (Superior)	Pai: Encanador Mãe: Professora	Pai: Contabilidade Mãe: Magistério	Paternos: Não estudaram Maternos: Fund. Incompleto
4	33	Belo Horizonte	Doutorado	Particular (Ens. Fundamental) Particular (Ens. Médio) Pública (Superior)	Pai: Funcionário Público Estadual Mãe: Corretora de Imóveis	Ambos: Nível Superior	Paterno e Materno: Avôs: Fund. Incompleto Avós: Méd. Incompleto
5	33	Pará	Doutorado	Todas Públicas	Aposentados	Pai: Fund. Completo Mãe: Sup. Completo (Pedagogia)	Analfabetos
6	53	Avaré SP	Doutorado	Todas Públicas Mestrado (Particular)	Pai: Farmacêutico Mãe: Dona de Casa	Nível primário	Nível primário
7	33	Piauiense	Doutorado	Todos Públicos	Pai: Vigilante Mãe: Pedagoga e Aux. de serviços gerais	Pai: Fund. Incompleto Mãe: Especialização	Analfabetos

8	36	Rio de Janeiro	Doutorado	Particular (Fund. e Médio) Pública (Superior)	Pai: Professor Mãe: Dona de casa	Pai: Superior Mãe: Superior	Paternos: Ens. Médio Maternos: Avô: Técnico Avó Ens. Médio
9	41	Guarani – PR	Doutorado	Todas Públicas		Fundamental Incompleto (Ambos)	Semianalfabetos
10	50	Guadalupe - Pi	Doutorado	Todas Públicas	Pai: Feirante, ajudante em diversos serviços; Mãe: Feirante, doméstica.	Pai: Não soube informar; Mãe: Ensino Fundamental Completo.	Não soube informar.

Entrando mais diretamente nas questões relativas à carreira e às condições de trabalho, decidimos explorar algumas especificidades dos relatos colhidos com relação à percepção sobre as desigualdades de gênero. Como se poderá observar, essa constatação varia principalmente em função das variáveis que as docentes levam em consideração. Assim, quando questionadas mais estritamente sobre a profissão, a tendência geral é a de atestar a baixa pertinência em uma profissão regulada por parâmetros comuns a homens e mulheres e concebida em termos mais meritocráticos.

O quadro é totalmente outro, no entanto, quando a atividade docente é tomada no conjunto geral das formas de regulação necessárias entre os domínios de vida delas. Desse ângulo, os depoimentos ressaltam o quanto o engajamento profissional de mulheres, mesmo em profissões e áreas marcadas por fortes taxas de feminização, como a que está em pauta, ainda são marcados mecanismos sexuados que produzem efeitos sobre as carreiras, suas condições de realização e progressão, como segue.

De maneira geral, a opção pela carreira docente no Ensino Superior aparece nos relatos como parte de uma trajetória de investimentos profissionais mais amplos, e até mesmo de frustrações com o desempenho de outras atividades laborais. Em certa medida, como no relato da *Entrevistada 9*, a opção pela profissão docente se apresenta como muito melhor pelas chances de ter liberdade para pensar e condições para uma vida social efetiva, diretamente vinculado às especificidades da gestão do tempo nessa profissão.

Antes de eu me tornar docente, acho que foi por ai pelos anos 2000 quando eu já estava a uns 4 anos no mercado e eu pensei: poxa vida, posso aprender mais voltando para a sala de aula, posso passar um pouco também da minha experiência, foi isso assim, uma decepção que eu tive com o mercado que me trouxe para a docência eu acho, porque eu era bastante apaixonada pela minha profissão, eu gosto de ser jornalista, mas o mercado é muito cruel e na docência eu tenho um vínculo com a minha área, mas eu tenho mais liberdade para pensar, mais liberdade para criar e tenho também um pouco mais de condições de ter vida social, porque quando você está no mercado você não tem vida social, você não tem natal, você não tem ano novo, não tem nada, então foi por conta dessas condições muito ruins do mercado que eu me voltei para a docência (Entrevistada 9)

Embora possa parecer simplório, mas nas entrevistas o elemento decisivo para o despertar do gosto pela profissão docente no ensino superior foram as experiências obtidas quando da passagem pela graduação. Um “divisor de águas”, “experiências maravilhosas”, um “estilo de vida glamoroso”, etc., são algumas das expressões empregadas para descrever o processo de abertura para o mundo e a atmosfera de coletividade que estava no princípio da criação de disposições para a escolha desse exercício profissional. Em particular, deve-se destacar o efeito produzido pela presença de mulheres nesse espaço exercendo posições de orientação pessoal e profissional

Evidentemente, a escolha pela profissão docente encontra-se determinada também por uma multiplicidade de outras variáveis, entre as quais, o fato de que além do status da profissão, a carreira docente permite relativa estabilidade financeira. Porém, é interessante pensar aqui no fato de que, para algumas dessas mulheres, a condição mãe não obstaculizaria o exercício da docente. Muito ao contrário, a docência no Ensino Superior parece oferecer, em alguns casos, possibilidades bastante favoráveis para participação na criação dos filhos ao preço, evidentemente, da redução dos investimentos e da intensidade da dedicação ao trabalho. Para homens, regularmente, a escolha por privilegiar uma ou outra dessas dimensões quase nunca se impõe.

Eu já entrei querendo ser professora, mas eu queria antes ser professora do Ensino Médio eu desisti do Ensino Médio, quando eu tive também uma experiência como voluntária de aula de reforço escolar, no município do Rio, quer dizer, o município lá era até a 8ª série, fundamental 2, e eu vi que os estudantes eram muito despreparados, aí eu falei assim: Ah, eu não quero isso não, eu quero trabalhar com pessoas que já estejam com uma formação mínima já consolidada, esse trabalho de base, que era o que minha avó exerceu durante a vida dela, eu não queria porque eu achava muito difícil, então eu queria já estudantes preparados e que tivessem interesse na área de estudos que era minha, que era ciências sociais. Quando eu verifiquei que isso não aconteceria se eu fosse para o ensino básico, aí eu falei, então eu quero ser professora do Ensino Superior, também atraída por conta do plano de carreira dos professores, eu queria ter também aquele nível de vida que os professores universitários tinham, que eu não via os professores de fundamental terem, que era o caso da minha avó que era primário e do meu tio que era Fundamental 2, eu olhava os salários dos professores do Estado do Rio e sempre foram muito abaixo, eu falava assim: Não, eu quero ter uma profissão que eu consiga viver bem. Então eu tinha esse cálculo também em mente, por outro lado, eu também gostava muito do que eu via como algo glamoroso, que eu achava bacana aquele ambiente da Universidade que eu amava (Entrevistada 8)

Por outro lado, quando questionadas a respeito do peso das determinações de gênero sobre suas escolhas profissionais, as respostas se tornaram um tanto quanto ambíguas. Se por um lado não deixaram de ser levantados critérios pertinentes para essa escolha, e que não necessariamente eram governados pelo marcador social de gênero, em um outro momento dos depoimentos pode-se captar a insistente pertinência dessa variável como que se imiscuindo no interior do exercício reflexivo que operavam.

Acho que o gênero influenciou assim, eu não decidi ser professora porque o mercado não era bom com as mulheres, o mercado não era bom para jornalistas de maneira geral, ele é um mercado cruel então não foi a questão de gênero que me fez escolher isso, e também não acho que sou professora porque sou mulher, eu acho que os meus colegas que são jornalistas e são professores boa parte deles também fizeram escolhas movidos pela decepção do mercado e não por preconceito ou coisas desse gênero (Entrevistada 4).

Com relação ao sentimento de desvantagem entre os sexos no ambiente de trabalho, as visões foram igualmente distintas. Enquanto algumas professoras foram bastante taxativas ao afirmarem que não haveria distinções, visto que as exigências laborais seriam as mesmas para ambos os sexos, ou tão somente que haveria outros aspectos mais importantes que impactariam sobre sua atuação profissional, uma parte delas mencionou perceber “ações veladas” e/ou dissimuladas dentro do espaço cujos efeitos são difíceis de serem captados ou explicitados.

Em diversas situações sinto isso, por ser mulher e mãe, são ações veladas mas que demonstram que minha maternidade de alguma forma me incapacita, e isso vem muito de outras colegas mulheres (Entrevistada 7).

Embora não tenha parado muito para pensar sobre isso, algumas situações, mesmo veladas deixam transparecer que se fosse homem, seria diferente... Como professora, no exercício da sala de aula, não vivenciei até o momento nenhuma situação, que demonstrasse tal fato, pelo menos, não me recordo. Isso é mais comum, em meu caso, em situações de liderança como direção ou coordenação pedagógica. Fui diretora de escola de Ensino Médio; Coordenadora na Escola de Magistério e, atualmente estou na coordenação de colegiado de curso (Entrevistada 10).

Quando questionadas, no entanto, sobre o peso dos afazeres domésticos sobre sua produção acadêmica, encontramos a segunda tendência destacada acima. É que se percebe que há um sentimento relativamente equânime de que essas tarefas repercutem severamente sobre as suas produtividades. As saídas para atenuação desse peso passam pela terceirização das atividades (a contratação de diaristas é comum para a quase totalidade das entrevistadas), a divisão das tarefas domésticas com o companheiro (entre as casadas) ou até mesmo a opção por um delicado equilíbrio entre o tempo destinado ao trabalho, e aquele destinado ao lar, com visível e inevitável sobrecarga. Ou seja, quando levam em consideração o sistema mais amplo de atividades, tora-se explícito que as suas disponibilidades para o investimento profissional são limitadas, não apenas por condicionantes estruturais, como também pela própria autocensura. O quadro tende a agravar-se ainda mais quando do nascimento de filhos, visto que esse momento geralmente constitui um ponto nevrálgico da diferença sexuada das trajetórias docentes.

Não. Procuo organizar minha agenda de trabalho na universidade e de trabalho doméstico, não todo o trabalho, pois há uma pessoa designada para esta função, contudo há atividades domésticas que realizo diariamente (Entrevistada 3).

Essa questão reaparece nas entrevistas quando questionamos às professoras a respeito de como veriam a questão da conciliação entre as esferas profissional e pessoal e se achavam que havia algum diferencial nesse plano. Nessa perspectiva, quando convidadas a refletir sobre as exigências de regulação entre as múltiplas esferas de suas vidas, as professoras apresentam, no entanto, um discurso mais afinado de denúncia da relação desigual entre os sexos e de sobrecarga física e mental das mulheres. E isto se deve, como constata algumas entrevistadas, ao fato de que a elaboração de projetos de vida, os seus engajamentos profissionais e a gestão das suas carreiras nunca se realizam sem que sejam condicionadas pelo investimento, tempo e trabalho dedicado a outras esferas da existência. Os desafios de regulação dessas injunções contraditórias constituem, aqui, sem sombra de dúvidas, um dos principais detonadores da consciência feminista das entrevistadas.

De maneira geral, acho complicado porque normalmente as mulheres dividem-se entre as atribuições da casa, dos filhos, do trabalho e de todo o resto. Não sou exemplo disso. A minha prioridade sempre foi a profissional. Penso que, na grande maioria dos casos, as mulheres sempre saem mais prejudicadas do que os homens quanto a isso. Há uma naturalização quanto a certas funções e atividades relacionadas ao gênero feminino. Uma carga a mais que os homens, geralmente não têm (Entrevistada 1).

Certamente, vejo que é um desafio enorme para as mulheres em geral conciliar trabalho e outras atividades ligadas a família e a casa, mais ainda se essa mulher desenvolve o trabalho intelectual, que agrega um nível de complexidade maior, e exige mais dedicação e até mesmo um distanciamento da cotidianidade e até mesmo um “tempo de ócio” produtivo, o que não é permitido, muitas vezes nem aos homens, dado a sociedade competitiva e produtivista em que vivemos. Para a mulher, então, o desafio é muito maior (Entrevistada 2).

É interessante notar como no transcórre dos questionários, as percepções das docentes vão ficando mais matizadas com relação ao peso dos condicionantes de gênero sobre sua atividade profissional. Se em questões anteriores o relativo equilíbrio característico do posto de docente universitário se impunha, a partir de então a percepção mais refinada das desigualdades se revela com consequências inclusive sobre o avanço na carreira. Quando questionadas se as condições de carreiras eram as mesmas para homens e mulheres, as docentes destacam então as diferenças entre o legal e o real.

No caso da universidade federal, as condições de carreira são as mesmas, mas as condições de vida não; porque as mulheres têm consigo o encargo da casa, sejam sozinhas ou com família. Na cultura vigente, os homens largam essa tarefa para empregadas, nós mulheres não. E se largamos para a empregada, ainda assim temos que supervisionar os serviços. É uma construção cultural que ficou na nossa cabeça, acho que está no inconsciente coletivo das mulheres do ocidente colonizado (Entrevistada 6).

Por outro lado, ao ser questionadas a respeito da ocorrência de tratamento diferencial com as mulheres, algumas delas recordam de experiências de desrespeito e de formas sutis de desclassificação operadas por homens e mulheres, muito embora atuem em um curso “feminizado”, como assinala uma das entrevistadas. Uma das entrevistadas, no entanto, relata ter-se sentido bastante coagida devido ao comportamento de um estudante que era seu orientando.

Sim, por um aluno que achou que eu estava dando em cima dele por ser atenciosa na orientação, por sorrir, ser simpática e marcar orientação particular, o que eu faço com todos os meus alunos. Cheguei a marcar orientações na sala dos professores junto a outros colegas para evitar constrangimentos. Tive que ser grossa e conversar com ele com cara fechada e dizendo apenas o necessário. Foi muito desagradável e, confesso, tenho medo dele. Não o oriento mais (Entrevistada 4).

Através das últimas questões aplicadas, procuramos apreender quais eram os maiores desafios enfrentados pelas nossas entrevistadas para exercer sua atividade profissional a partir do lugar institucional em que se encontravam. Nesse quesito, as respostas se voltam para parte dos problemas apresentados anteriormente. A começar pela estrutura deficitária da cidade, a dificuldade de transporte, de comunicação e os efeitos disso sobre a possibilidade de construção de grupos coesos e sobre a própria rotatividade dos docentes nos postos.

A distância da cidade onde trabalho em relação ao local onde moro; A falta de estrutura no local de trabalho e na cidade; Acervo da biblioteca frágil; nos momentos de crise faltavam pinceis, resma de papel e tinta nas impressoras; As relações interpessoais às vezes são problemáticas; A falta da habilitação do curso na minha área de atuação, o que me limita academicamente; A dificuldade de diálogo com a sede; a dependência orçamentária em relação à sede; A falta de eleições diretas nas Unidades Acadêmicas entre outras dificuldades (Entrevistada 1).

A falta de infraestrutura, mais precisamente, a falta de sala até para dar aula! A falta de diária para motorista em pesquisa de campo. A falta de diária e passagem para participar de evento (até do SEMIC). A falta de base de alunos que atrapalha sobretudo no momento de fazer a monografia. Tenho colegas que atuam em outras regiões do país e dependendo do lugar, eles orientam mais alunos que eu, mas aqui um aluno “vale por 10” no sentido de não saber ler, interpretar e escrever com autonomia (Entrevistada 6).

Questão semelhante a anterior, procuramos saber também das docentes quais eram os aspectos e questões que deveriam ser objeto de enfrentamento para melhoria do local de trabalho em pauta. Nesse plano, três aspectos foram fortemente mencionados. O primeiro deles é, sem sombra de dúvidas, a questão da infraestrutura, avaliada como urgente. Soma-se a isso a questão da autonomia e dependência dessas unidades, já que alterações locais ou até mesmo os consertos e suprimentos dependem da burocracia do campus de São Luís, onde se localizam os centros de decisão da instituição. Por fim, destaca-se nos depoimentos os problemas relativos à logística do campus e da cidade, com efeitos sobre a satisfação com o trabalho.

Para melhorar as condições de trabalho aqui primeiro a gente tinha que ter mais autonomia, a gente depende muito de São Luís e há uma burocracia imensa a gente não tem dinheiro, a infraestrutura aqui é muito precária né, a gente tem muita dificuldade para conseguir até uma resma de papel né, e se melhorasse essa questão da infraestrutura e da autonomia eu acho que a gente conseguiria se a gente dividisse o Campus, se a UFMA de Imperatriz fosse uma outra UFMA independente eu acho que a gente ia dá um grande avanço até na construção de programa de pós graduação de melhoria com relação a bolsas para os alunos de projetos que estejam mais afinados com as peculiaridades regionais né, e acho se a UFMA fosse independente até atraísse mais pessoas com perfis para ficar aqui na cidade, então acho que isso melhoraria bastante (Entrevistado 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse estudo, foi possível chegar a algumas constatações importantes que merecem ser destacadas à guisa de conclusão. A primeira e mais importante delas é de que o gênero não é um dado neutro no universo do ensino superior, nem nas vivências no trabalho, nem nas relações com os outros e tampouco nas regulações dos sistemas de atividades nas esferas de vida. A abordagem diacrônica de algumas dessas carreiras profissionais deixa ver, na realidade, o quanto as formas de engajamento profissional são moduladas com o passar do tempo por questões de gênero e são determinadas fortemente pelos constrangimentos familiares. Além disso, como se pode inferir a partir dos depoimentos recolhidos, a intensidade do investimento profissional e a disponibilidade quase permanente ao trabalho - o que geralmente constitui um forte condicionante do sucesso na carreira universitária - geralmente exige como contrapartida uma moderação da atividade extraprofissional e/ou privada, ou vice-versa.

Além disso, como visto ao abordarmos o processo recente de interiorização da Universidade Federal do Maranhão, os determinantes problemáticos do trabalho das professoras não se situam somente na escala dos estabelecimentos, nem na escala das relações com os colegas, alunos ou nas relações entre a esfera pessoal/familiar e profissional. Essas dificuldades encontram suas raízes, em grande medida, nas próprias reformas recentes do Ensino Superior e nos novos desafios que tem gerado para os docentes. A situação deficitária das cidades onde se encontram os campi, o afastamento familiar, a necessidade de deslocamento constante (seja por razões pessoais ou até mesmo profissionais), entre outros aspectos, só contribuem para agravar o presente quadro. Tudo isso que leva a crer que as especificidades das formas conciliação feminina do trabalho com outras ainda requer formas de gestão mais sensíveis, inclusive em um meio profissional fortemente feminizado.

Seja como for, um dos aspectos que se destaca através do exame dos itinerários dessas professoras é que os seus percursos profissionais aparentam sempre ser muito dinâmicos, visto que construídos por meio de uma exigência de constante negociação, ajustamento ou reajustamento entre suas histórias pessoais, familiares, conjugais, sociais, econômicas e profissionais. Trata-se de uma dinâmica de recomposição identitária que está na origem de modificações na intensidade dos engajamentos profissionais, podendo até mesmo alterar os seus percursos.

Como se não bastasse, por fim, soma-se a isso tudo o fato de haver numerosas transformações no campo de atuação do docente universitário, tais como: a deterioração das condições de trabalho; a crescente diversificação e diferenciação do público acadêmico; a intensificação das exigências de produção científica, o aumento de competitividade, etc. (NEVES et al, 2011; OLIVEIRA; CATANI, 2012), os quais tem modificado sensivelmente a tarefa e o papel dos docentes sem que tenha emergido ainda um outro modelo de referência. Em condições periféricas como a que está em pauta, portanto, na medida em que são submetidas a injunções contraditórias e situações delicadas - distintas, em boa medida, daquelas nas quais foram formadas e talvez até mesmo de onde desejariam estar - essas docentes são convocadas então a se reinventarem continuamente por razões simultaneamente pessoais e coletivas, seja para encontrar novas formas de exercer de forma compromissada a docência, seja pelo próprio desafio de viverem suas vidas e realizarem-se no equilíbrio de suas esferas de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Maria F. ; Karen Polaz ; MOSCKOVITCH, M. . Pesquisando os grupos dominantes - notas de pesquisa sobre o acesso às informações. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 13, p. 47-64, 2012.

ALMEIDA, Ana Maria F. ; ERNICA, M. . Inclusão e Segmentação Social no Ensino Superior Público no Estado de São Paulo (1990-212). **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 36, p. 63-83, 2015.

ALMEIDA, A. M. et al. **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

ANDRIOLA, Wagner Bandeira and SULIANO, Daniele Cirilo. Avaliação dos impactos sociais oriundos da interiorização da Universidade Federal do Ceará (UFC). **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online]. 2015

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007

BACKES, Vanessa Ferreira. THOMAZ, Jean Rodrigo. DA SILVA, Fabiane Ferreira. **Mulheres docentes no ensino superior: Problematizando questões de gênero na Universidade Federal do Pampa**. Uruguaiana, RS, Brasil, 2016.

BECK, Ulrich. **La Sociedad del riesgo**: Hacia una nueva modernidad. Barcelona: Paidós Básica, 2002.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Homo Academicus. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: CATANI, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRUSCHINI, M.C.A. Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. **Revista Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n.3, p. 17-32, 1994.

CAÑAVERAL, Inmaculada Cristina Puertas; SÁ, Thiago Antônio de Oliveira, REUNI: EXPANSÃO, SEGMENTAÇÃO E A DETERMINAÇÃO INSTITUCIONAL DO ABANDONO. ESTUDO DE CASO NA UNIFAL-MG. EccoS Revista Científica [en línea] 2017.

CANÊDO, Leticia Bicalho. (2004), "Masculino, Feminino e Estudos Universitários no Estrangeiro: Os Bolsistas Brasileiros no Exterior (1987-1998)", in A. M. F. de Almeida et al. (orgs.), **Circulação Internacional e Formação Intelectual das Elites Brasileiras**. Campinas, Editora da Unicamp.

CANEDO, L. B. & TOMIZAKI, K. A.; GARCIA Jr. **A formação das elites brasileiras**: estratégias educativas e globalização. São Paulo: Hucitec, 2013.

CARDOSO, Valéria Maria Lima; RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos. Entre travessias: a saúde dos docentes na expansão/interiorização do IFMA. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 24-35, abr. 2016.

CORADINI, O. L.. Os Professores de Ensino Superior como Objeto de Estudo e a Sociologia Prática. **POLÍTICA & SOCIEDADE (IMPRESSO)**, v. 17, p. 191-223, 2018.

DUBET, François. QUAL DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR?. **Cad. CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 255-266, ago. 2015

DUBAR, C., « Identités collectives et individuelles dans le champ professionnel », in DE COSTER M., PICHULT F (sous la dir.), **Traité de sociologie du travail**, De Boeck Université, Ouvertures sociologiques, Bruxelles, 1994, pp. 363-379.

EZCURRA, A. M. **Los estudiantes de nuevo ingreso**: democratización y responsabilidad de las instituciones universitarias. São Paulo: Cadernos de pedagogia universitária. 2. Pró-reitoria de Graduação da USP, 2007.

FERNANDES, Thaís Matos. **RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DOCENTE: Avaliações de professoras sobre as condições de trabalho na Universidade Federal do Maranhão - Campus Bacabal.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Humanas - Sociologia) - Universidade Federal do Maranhão.

FERREIRA E SILVA, Marcia. **MÃES ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO: Dilemas de conciliação entre Academia, Trabalho e Maternidade.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Humanas - Sociologia) - Universidade Federal do Maranhão.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), v. 17-18, p. 139-156, 2001.

_____. Globalização, trabalho e gênero. *R. Pol. Públ.*, v. 9, n. 1, p.111-128, jul./dez. 2005.

LEDA, Denise. Trabalho docente no ensino superior: análise das condições de saúde e de trabalho em instituições privadas do estado do Maranhão. 2009. 224 p. Tese (**Doutorado em Psicologia**) - **Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2009.

LÉDA, D; MANCEBO, D. REUNI: heteronomia e precarização da universidade e do trabalho docente. **Educação & Realidade**, jan.-abr. 2009 (p. 49-64).

LETA, Jaqueline. (2003), "As Mulheres na Ciência Brasileira: Crescimento, Contrastes e um Perfil de Sucesso". **Estudos Avançados**, vol. 17 no 49, pp. 271-284.

LIMA, Raissa Araújo. **CARREIRAS DOCENTES E RELAÇÕES DE GÊNERO: representações e vivências da atividade profissional por professoras de Ciências Humanas.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Humanas - Sociologia) - Universidade Federal do Maranhão.

LOURO, G. L.. Mulheres nas salas de aula. In: Mary del Priore. (Org.). *História das Mulheres no Brasil.* 02ed. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997, v. , p. 443-481.

MARRY, Catherine. (2003). Genre et professions académiques : esquisse d'un état des lieux dans la sociologie. Dans *R éflexions* sur l'accès, la promotion et les responsabilités des hommes et des femmes à l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Actes de la journée.

MORAES, KARINE N DE ; AZEVEDO, MÁRIO L N DE ; CATANI, AFRÂNIO M . A produção do conhecimento no contexto das políticas de expansão da educação superior no Brasil pós-LDB/1996: uma síntese. **Revista Eletrônica de Educação** (São Carlos), v. 8, p. 119-132, 2014.

MOROSINI, M. C. Qualidade da Educação universitária: isomorfismo, diversidade e equidade. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, v.5, n.9, p.89-102, 2001.

MOSCKOVITCH, M. ; Ana Maria F. Almeida . Desigualdades de gênero na carreira acadêmica. **Dados** (Rio de Janeiro. Impresso), v. 58, p. 749-789, 2015.

NASCIMENTO, Lindalva Gouveia. Desafios e enfrentamentos no processo de interiorização da Universidade Federal da Paraíba (2007 – 2012): uma análise dos cursos criados pelo Reuni a partir das demandas no Campus de Areia. 2017. 170 f. Tese (**Doutorado em Educação**) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

NERIS, W.S. 2014. Igreja e Missão: religiosos e ação política no Brasil. São Cristóvão, SE. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Sergipe, 404 p.

_____. AS MULHERES NA CIÊNCIA, A CIÊNCIA DAS MULHERES: trajetórias e condicionantes de carreiras acadêmicas de mulheres no Maranhão. **Projeto de Pesquisa**, Fapema, 2016, 32 p. [mimeo].

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 149, p. 404-421, Aug. 2013.

NEVES, C. E. B.. Enseñanza Superior en Brasil y las políticas de inclusión social. **Páginas de Educación**, v. 7, p. 299-320, 2014.

NEVES, C. E. B.; MORCHE, B. ; ANHAIA, B. C. . Educação Superior no Brasil: acesso, equidade e políticas de inclusão social. **Controversias y Concurrencias Lationamericanas**, v. 4, p. 123-140, 2011.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; LEDA, Denise Bessa. O TRABALHO DOCENTE NO ENFRENTAMENTO DO GERENCIALISMO NAS NIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS: REPERCUSSÕES NA SUBJETIVIDADE. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 97-117, Dec. 2016.

SANTOS, Ana Maria Fontes dos; ROSA, Dora Leal. Um legado sobre a formação de professores: movimento de interiorização da universidade no Estado da Bahia. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 69-86, jul./dez. 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, n.16,v.2, p. 5 -22, jul./dez.1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Expansão do ensino superior: contextos, desafios, possibilidades. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 253-266, July 2009.

SILVA, Claudemir O. Programa Reuni: ampliação do acesso ao Ensino Superior? (Dissertação de Mestrado) – **Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, SC, 2014. 163 p.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SOARES, Thereza Amélia. (2001), “Mulheres em Ciência e Tecnologia: Ascensão Limitada”. **Química Nova**, no 24, pp. 281-285.

SOUSA, Ana Paula Ribeiro de; COIMBRA, Leonardo José Pinho. As licenciaturas interdisciplinares e o processo de expansão das IFES: implicações para a formação de professores. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 15, n. 65, p. 141-159, dez. 2015. ISSN 1676-2584.

VELHO, Léa; LÉON, Elena. (1998), “A Construção Social da Produção Científica por Mulheres”. **Cadernos Pagu**, no10, pp. 309-344.

VINHAI, Henrique Eduardo F. **Estudo sobre o impacto da expansão das universidades federais no Brasil**. 2013. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

INFORMAÇÕES PROFESSORES UFMA - CURSOS DE BIOLOGIA, FÍSICA, LETRAS e EDUCAÇÃO DO CAMPO E SOCIOLOGIA.

CCNBB - COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS NATURAIS-BIOLOGIA/CCBA



POLLYANNA PEREIRA SANTOS (permanente)

Possui graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC 2003), Mestrado em Zoologia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC 2008) e Doutorado em Entomologia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV 2014). Possui pós-doutorado também pela Universidade Federal de Viçosa (UFV 2015). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Bacabal, atuando na área de caracterização e atividade biológica do veneno de formigas, além de desenvolver projetos com biodiversidade de insetos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1445288153044218>



ANA KARLLA DOS SANTOS SOUSA BEZERRA (substituta)

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Maranhão (2011) e mestrado em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Maranhão (2015). Tem experiência na área de Imunologia, Microbiologia e Parasitologia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2985295530728326>

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURAS EM CIÊNCIAS NATURAIS - FÍSICA BACABAL/CCBA



ANA PAULA RIBEIRO DE SOUSA (permanente)

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, linha de pesquisa Políticas, Educação, Formação e Sociedade (PEFS). Mestre em educação pela Universidade Federal do Maranhão, na linha de pesquisa Estado e Gestão da Educação. Graduada em História pela Universidade Federal do Maranhão e em Pedagogia pela Universidade Cesumar (UNICESUMAR). Membro do Grupo de Estudos História, Sociedade e Educação no Brasil-HISTEDBR GT MA, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas de Formação e Trabalho Docente (GEPP-FORTRAD) e do Centro de estudos político-pedagógicos - CEPP. Professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) Tem experiência em docência em nível de graduação e pós-graduação, com ênfase na área de fundamentos da educação, história da educação e políticas de formação docente, e em gestão acadêmica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6519069509467535>



LUCELIA DE SOUSA ALMEIDA (permanente)

Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão UFMA,, Centro de Ciências de Bacabal - CCBa/MA. Líder de Grupo de Pesquisa Literatura, Enunciação e Cultura - LECult e Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Cultura, (UNB). Professora permanente do Mestrado Acadêmico em Letras, UFMA, Campus Bacabal, orienta trabalhos na linha de Literatura Cultura e Fronteiras do saber. Possui Doutorado em Letras (2019) pela Universidade de Brasília - UNB , Mestre em Letras (2015) pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, possui pós-graduação em Informática em Educação (2008) pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, graduação em Letras/Português (2005) - Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Membro efetivo do Conselho Editorial Consultivo e Integrante da Comissão Editorial da Revista Hon no Mushi. Membro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Tem experiência na área de Letras Literatura, Memória e Cultura; Literatura e Sociedade; Estudos de base teórica relacionadas com as concepções de Mikhail Bakhtin, na literatura e em outros discursos; Estudos sobre Riso e Literatura; Crônica Literária. Atualmente foi eleita para a Direção do Centro de Ciências de Bacabal, CCBa/UFMA (2022-2026).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1688330353602729>



CRISTIANE NAVARRETE TOLOMEI (permanente)

Professora Adjunto III da Coordenação de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE /2001), com Mestrado em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE/2004) e Doutorado em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2010). Pós-Doutora em História Literária pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis/2013), sob a supervisão da Profa. Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa. Pós-Doutora, com bolsa CNPQ-JR, em Estudos Comparatistas pela Universidade de São Paulo (2015 e 2017), sob a supervisão do Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior. Pós-Doutora, com bolsa FAPEMA, em Literatura Comparada na Universidade do Porto, sob a supervisão da Profa. Dra. Isabel Pires de Lima. Bolsista de Produtividade do CNPq - nível 2. Docente permanente dos Programas de Mestrado em Letras de Bacabal, linha de pesquisa 2: Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber; e do Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa 1: Expressões e processos socioculturais. Integrante da equipe do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia n. 21/2018/CAPES - UFMA/UEMA/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa marginalia (Estudos Decoloniais) e vice-líder do Grupo de Estudos Raça, Gênero e Sexualidade (GERS/UFU), ambos registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Como experiência na captação de recursos, a docente já aprovou vários projetos de pesquisa pelo PIBIC-UFMA/CNPq/FAPEMA-UNIVERSAL-EVENTOS-PUBLICAÇÃO. Atua na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Estudos Decoloniais, Literatura e Imprensa, Literatura e História, Estudos Queirosianos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7094193706249489>



MARIANA APARECIDA DE OLIVEIRA RIBEIRO (permanente)

Professora Adjunta do curso de Letras e do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Bacabal. Formada em Letras, Português/Latim pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). É doutora e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), na linha de pesquisa: Linguagem e Educação. É coordenadora do Grupo de Pesquisa Ensino, Leitura e Escrita (GPELE) e do projeto de pesquisa: A produção científica de pesquisadoras maranhenses: uma análise de artigos de diferentes áreas de conhecimento, financiado pela FAPEMA. Tem experiência em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa, Estágio, Produção de Texto e Metodologia científica. É vice coordenadora e docente permanente do Mestrado Acadêmico em Letras do Programa de Pós Graduação em Letras (PPGLB) e professora colaboradora do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará (UNIFESSPA) - campus de Marabá.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6947210893942538>



VALNECY OLIVEIRA CORREA SANTOS (permanente)

Graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal do Maranhão, em 2008. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí, em 2015. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com estudos na linha de Linguística Teórica e Descritiva, com foco nos estudos do texto e do discurso. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupos de Estudos e Pesquisas sobre o Sujeitos e suas práticas de Leitura e Escrita (GESLE). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso (GETED) e do Grupo de Pesquisa, Ensino, Leitura e Escrita (GPELE). Experiência na área de Letras, ênfase em Língua Portuguesa, com foco nos estudos sobre a Leitura e Práticas de Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Atua principalmente nos seguintes temas: Ensino de Língua Portuguesa e Formação de professores com foco no processo de ensino e aprendizagem de leitura e de escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5269094335382074>



COORDENAÇÃO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - BACABAL/CCBA LEdoC/CCBA

CRISTIANA RESENDE MARCELO (permanente)

Possui graduação em Química, mestrado em Agroquímica/Físico-Química e doutorado em Agroquímica/Química Analítica pela UFV. Tem experiência em degradação de poluentes ambientais por nanopartículas metálicas e bimetálicas, pirólise analítica, interações polímero-surfactante, tratamento de superfícies metálicas e ensino de ciências/ensino de química. Atualmente é professora adjunta da UFMA/Campus Bacabal, pertencente à área de Química do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2448133326632836>



GRACE KELLY SILVA SOBRAL SOUZA (Substituta)

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (2013). Graduada em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (2015). Pós-graduada em Supervisão e Orientação Educacional pela Universidade Cruzeiro do Sul. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão CAPES 6 (2017). Doutoranda em Educação - EDUCANORTE/PGEDA/UFGA. Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão - NEAB-UFMA, onde atua nas pesquisas sobre Patrimônio Cultural Afro-Maranhense, Educação das Relações Étnico-Raciais e Relações de Gênero. É também integrante do Grupo de Pesquisa Turismo, Cidades e Patrimônio da Universidade Federal do Maranhão. (GPTCP/UFMA). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre formação de professores e relações étnico-raciais - GERA/UFPA

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7108076376427840>



DIANA COSTA DINIZ (permanente)

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (2003), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2009) e Doutorado em Educação em Ciências e Matemática pela REAMEC (UFMT, UEA, UFPA). Atualmente é professora adjunta do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal do Maranhão, na cidade de Bacabal no Maranhão. Exerce a docência em disciplinas da área de Fundamentos da Educação, Política, Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas do Campo. Realiza estudos e pesquisas sobre a formação de professores.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8407031935068310>



JULIANA RODRIGUES ROCHA (permanente)

Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Colaboradora do Laboratório de Ensino de Ciências (LEC). Integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Ciências (NEPEC) do Centro de Ciências, Educação e Linguagens (CCEL) da UFMA de Bacabal. Doutoranda do Programa em Educação em Ciências e Matemática - Rede Amazônica de Educação em Ciências (REAMEC/UFMT - UFPA - UEA - 2021-2025), Mestre pelo programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Piauí (UFPI - 2013), Especialista em Gestão Ambiental pela Faculdade Latino Americana de Educação (FLATED - 2011), Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI - 2009). Minha atuação profissional destaca-se na área de Meio Ambiente com ênfase em Educação Ambiental e formação de professores na área de Ensino de Ciências.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6998304466448948>



CAROLINA PEREIRA ARANHA

Licenciada em Física pela Universidade Estadual do Maranhão (2008). Mestre em Física pela UFMA (2011) e Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela REAMEC (2023). Professora Adjunta da Coordenação de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Tecnologias Digitais na Educação (GEP-TDE) e do Grupo de Pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática (HIFEM). Coordenou o Laboratório de Ensino de Ciências (LEC) do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa), da UFMA, de 2018 a 2020. Atua na vice-coordenação do Laboratório de Pesquisa em Digital para Ciências (PEDIC) CCBa/UFMA e coordena o espaço FormAção que compõe o Espaço Ciência Maria Laura Lopes (ECMLL), em funcionamento no CCBa-UFMA desde outubro de 2022. Trabalha com Divulgação Científica e Formação Docente em Ciências e Matemática com Tecnologias Digitais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4758149397073322>



SABRINA ZIENTARSKI DE BRAGANÇA

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria (2005); Graduação em Pedagogia pela FACIBRA (PR) 2014; Mestrado em Educação também pela UFSM (2012). Cursa doutorado em Educação na UFMA. Atua como professora Assistente A na Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Maranhão; é docente orientadora do Subprojeto de Residência Pedagógica na Licenciatura em Educação do Campo e supervisora da Escola da Terra Maranhão; atuou como substituta na Universidade Federal do Ceará, no departamento de Fundamentos da Educação, foi Coordenadora do curso de Pedagogia da Faculdade JK em Brasília - DF; consultora da UNESCO_MEC, pela DEPAEJA no Programa Brasil Alfabetizado; professora do GDF -Secretaria de Educação do DF das disciplinas de História e da Geografia. Professora da Casa Familiar Rural Filhos da Terra e Técnica da Área Social da AREDE e da COPTec, foi diretora de Escola Municipal da Prefeitura Municipal de Santa Rosa. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação do Campo, Gestão Educacional, Área Social e Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação do Campo, Educação Integral, Gestão, áreas de Assentamento da Reforma Agrária, agricultura familiar, gênero, consciência política, e movimentos sociais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1268105484449013>



POLIANA DOS SANTOS

É professora Adjunta de história na Universidade Federal do Maranhão - UFMA/ Campus Bacabal. Graduiu-se em História pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2006), com mestrado em Estudos Literários pela Faculdade de Letras - UFAL (2009) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo - USP (2018). Tem pesquisa na área de História e de Literatura, trabalhando com autores como Lima Barreto, João do Rio e Clarice Lispector. Tem experiência em temáticas sobre o Brasil República; cultura Popular e modernização brasileira. Foi docente no Instituto Federal de Alagoas - IFAL/Campus Maragogi e professora substituta na Universidade Federal de Alagoas - UFAL/Campus Sertão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8222157341692510>



CEALIA CRISTINE DOS SANTOS

Possui graduação em GEOGRAFIA pela Universidade Federal do Maranhão (1993), graduação em CIÊNCIAS CONTÁBEIS pela Universidade Federal do Maranhão (2004) e mestrado e doutorado em AGROECOLOGIA pela Universidade Estadual do Maranhão (2017). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária e Geografia e questão ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: tensores ambientais, alelopatia, estoque de carbono dos solos, análise socioeconômica e ambiental em assentamentos rurais, percepção ambiental e serviços ambientais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9506190467302990>



MAYKA DANIELLE BRITO AMARAL

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Pará (2007), graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2006), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2011) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2018). Atualmente é professora adjunto, classe C, da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, Geografia Agrária e Ensino de Geografia, atuando principalmente com os temas: Território, Territorialização Camponesa, Territorialização do Capital, Conflitos agrários e Amazônia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/004919053554524>



MARIA JOSÉ DOS SANTOS

Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão do Maranhão - Colegiado de Ciências Humanas/ Sociologia - Campus III - Bacabal/MA. Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia Hab. Educação de Adultos pela Universidade do Estado da Bahia (1991). Mestrado acadêmico em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2009); Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2016). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Fundamentos da Educação; Tecnologias da Informação e Comunicação, Tecnologias digitais, Cotidiano escolar e trabalho docente; violência (s) escolar e (IN) disciplina. Membro de projeto de pesquisa com ênfase em análise de periódicos maranhenses. Coordena projeto de pesquisa na área de tecnologias digitais e ensino de História na Educação Básica; membro do Grupo de Pesquisa Escrita e Produção e de Saberes (GEEPS). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em políticas de Formação e de Trabalho Docente (GEPP- Fortrad). Professor permanente do Mestrado profissional em História (PROFHISTÓRIA).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6481531342071371>

DIVULGAÇÃO



Candidatos Seleccionados
Resultado Final

CIÊNCIAS NATURAIS
CIÊNCIAS HUMANAS

Confira o resultado final dos
Seleccionados para compor o Grupo
PET - Ciências Naturais

@petcienciasnaturaisbac



Candidatos Seleccionados
Resultado Final



Ciências Humanas

Classificação	Nome
1	Natany Christini Ferreira Lopes Meira
2	Pablo Henrique Sirqueira Santos
3	Reinaldo da Silva Oliveira
4	Edna Lorrane Silva Abreu
5	Mikaela Barros dos Santos
6	João Samuel Domingos Almeida
7	João Victor Pereira Barroso
8	Waldemar de Menezes Silva

@petcienciasnaturaisbac



Candidatos Seleccionados
Resultado Final



Ciências Naturais

Classificação	Nome
1	Ismael da Silva
2	Emanuela Sousa da Silva
3	Antonio Genilson Marinho Alencar
4	Jonathan Nascimento Moura
5	Luis Fernando Sousa de Araújo

@petcienciasnaturaisbac



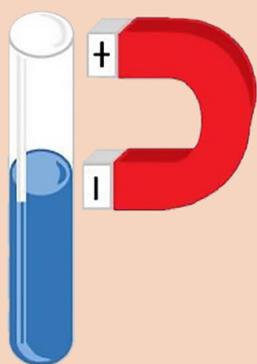


Tutor

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

Petianos

GABRIELA SOUSA PEREIRA
CAROLINA DE SOUSA ALVES
JACKSON SANTOS SILVA
TONE EDSON MATOS DE SOUSA
MARIANA SOUSA LEITE
GIOVANA DE SOUSA PASSO LIMA
ANA CRISTINA SANTOS SOUSA
GABRIELY NASCIMENTO SILVA



**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
CIÊNCIAS NATURAIS - UFMA - BACABAL**